





## O ARTESÃO PERDIDO

Era uma tarde ensolarada no vilarejo, o sol já estava um pouco além do meio do céu marcando que já havia se passado o horário que os aldeões costumavam largar o que estavam fazendo para se reunirem e fazerem a segunda refeição do dia. A fonte principal, rodeada de pedras muito bem polidas pelas águas, pelo vento e o tempo trabalhava incansavelmente jorrando a sua água reconfortante para os exaustos pelo calor.

Enquanto alguns aldeões recolhiam água uma figura apareceu de repente dos arbustos com tamanha habilidade, sem fazer barulho e tão rápido e sorrateiro que poderia facilmente dar um fim aos quatro aldeões desprevenidos em volta da fonte.

- Estou com muita sede, meus amigos.
- Sim claro, aproxime-se. Aqui beba um pouco de água.
- Andei muito, eu tinha um pouco de água comigo mas acabou já faz algumas horas. Como eu já estava aqui perto resolvi vir beber alguns goles desta fonte.
- Não escutamos você se aproximar. Há quanto tempo você estava escondido?
- Apenas alguns minutos, escutei as vozes de vocês de longe. Por isto não me ouviram chegar, vocês falam muito alto. Deveriam ficar mais atentos. Disse o homem enquanto terminava de beber a límpida e reconfortante água e molhando o rosto entre as bebericadas nos goles de água.

Após se saciar o homem saiu tão repentino quanto chegou, seus olhos atentos sempre olhando em todas as direções e com ouvidos alertados, distinguindo com precisão os diferentes sons de objetos metálicos. Em seu interior ele dizia ao ouvir um tinir soando "este som é de uma enxada que atingiu uma pedra – os aldeões voltam mais distraídos ao trabalho após a refeição". Outro som, desta vez mais oco com um teor tênue porém macio "este sem dúvida foi um machado cortando um tronco de olmo, excelente escolha para lenha, especialmente quando está devidamente seco".

O som ritmado que parecia estar seguindo de maneira rígida uma partitura musical, onde existe uma certa repetição do compasso um, dois, três e quatro, um, dois, três, quatro, porém desta vez não se ouvia som de instrumento, exceto pelo som distante de uma fídula acompanhada por um saltério, mas sim sons que variavam de acordo com a pancada. Era o som de metal contra metal, variando entre alguns golpes mais suaves e precisos e outros mais violentos, porém mais desajeitados, provocados pelos diferentes tipos de martelos que Baldrick usava em sua oficina. Um pensamento

súbito tomou conta do homem que caminhava em direção à estranha casa no final do vilarejo "esta é uma das minhas músicas preferidas, principalmente quando está sendo regida por um maestro que consegue não só conhecer suas notas musicais, mas também consegue interpretá-las".

Isto mesmo o homem recém-chegado ao vilarejo imaginava as marteladas no aço como sendo notas musicais. Enquanto caminhava as pessoas o observavam e alguns fixavam o olhar nele durante minutos.

Vestindo uma armadura de couro azul escuro, projetada para oferecer proteção sem comprometer a mobilidade. Adornada com detalhes prateados que lembram padrões que combinam a leveza das águas com o furor do fogo, refletindo sua conexão com a natureza. As placas de metal reforçadas nos ombros e no peito com entalhes de antigas runas brilham levemente em azul quando a luz as atinge.

Um tipo de vestimenta um tanto incomum no vilarejo. Um outro detalhe que também distingue o recém-chegado é sua altura, com pouco mais de 1,90m de altura e músculos bem definidos, resultado de anos de batalhas e treinamento árduo. Seus cabelos são negros como a noite. Seus olhos são de um azul profundo, porém extremamente penetrante parecendo refletir um tipo de sabedoria ancestral.

Sobre a armadura, ele usa um manto azul escuro, quase negro, que o ajuda a se camuflar nas sombras e a proteger-se dos inimigos. O manto é preso por um broche de prata em forma de uma asa de falcão, símbolo de sua tribo e de sua destreza. As botas são de couro resistente, também azul escuro, com solados antiderrapantes para garantir firmeza em terrenos irregulares.

O homem que acabara de chegar ao vilarejo ostenta ao seu lado flanqueando-o incessantemente uma espada longa de lâmina prateada, forjada com aço de alta qualidade e gravada com runas que aumentam o dano causado. A empunhadura é envolta em couro também azul, proporcionando uma aderência firme. Ele também possui uma adaga escondida na bota direita, uma arma de último recurso que ele manuseia com habilidade.

Na cintura, leva uma bolsa de couro onde guarda suprimentos essenciais: ervas medicinais, uma pequena pedra de amolar e algumas moedas. Um cantil de água, também decorado com símbolos de sua tribo, está sempre pendurado ao seu lado, garantindo que ele permaneça hidratado durante suas longas jornadas.

A jornada havia sido longa e exaustiva. O recém-chegado atravessara florestas densas, planícies abertas e montanhas traiçoeiras, seguindo as indicações de um mapa antigo. Foram meses de viagem desbravando vales perigosos e repletos de mistérios. Embora uma brisa fresca protegia contra o calor, o sol ainda fervia o homem em sua armadura, mas ele já havia se acostumado ao calor provocado pelo reflexo do sol em contato com sua armadura, e após um longo tempo finalmente avistou a oficina de seu amigo.

A oficina de Baldric, situada na aldeia, era fácil de localizar. Uma fumaça espessa subia da chaminé, e o som rítmico do martelo contra o metal ecoava pelos arredores. O homem se aproximou da entrada, imaginando o calor emanando da forja antes mesmo de atravessar a porta.

Empurrou a pesada porta de madeira, que rangeu ao abrir. O calor intenso da forja o envolveu imediatamente, contrastando com o ar fresco do lado de fora. A oficina estava iluminada pela fornalha, onde a chama dançava e lançava faíscas dramáticas. Ferramentas de todos os tipos estavam organizadas em prateleiras e bancadas.

No centro da oficina, um homem robusto e musculoso trabalhava incansavelmente, martelando uma espada incandescente sobre uma bigorna. Sua barba espessa e grisalha estava encharcada de suor, e os olhos brilhavam com concentração e determinação.

O homem se aproximou, observando por um momento a maestria com que Baldric manuseava o metal. Finalmente ele falou:

- Saudações, Baldric. Preciso de sua ajuda.

Baldric parou de martelar e olhou para cima, estudando o visitante.

- Thalor(nome provisório), o explorador das terras ermas - ele murmurou, com um leve sorriso. - O que o traz à minha forja?

- Estou em uma missão, um contrato que aceitei recentemente - explicou Thalor, retirando um pergaminho antigo de seu manto. – Durante minhas expedições encontrei este mapa, que indica a localização de um artefato perdido, mas para recuperá-lo, preciso de uma arma especial, uma que só você pode forjar.

Baldric pegou o pergaminho e examinou os detalhes. Seus olhos se estreitaram enquanto ele absorvia a informação.

- Um artefato perdido, hm? E você precisa de uma arma digna de tal busca. Bem, Thalor, você veio ao lugar certo. Mas forjar uma espada capaz de enfrentar os

perigos que a busca por este artefato podem representar não será tarefa fácil. Levará tempo e materiais raros.

Thalor assentiu.

- Estou disposto a fazer o que for necessário. Se precisar de materiais, eu os encontrarei. Se precisar de ajuda na forja, estarei ao seu lado. Só preciso de sua habilidade para forjar uma espada.

Baldric sorriu, um brilho de desafio em seus olhos.

- Muito bem, aventureiro. Vou começar a escrever uma lista de materiais. Mas eu não os tenho aqui e outros só se consegue muito longe destas terras.

Baldric, limpando o suor da testa com um pano grosseiro disse.

- Aconselho a termos um descanso merecido depois de tanto esforço hoje, você de sua viagem e eu da forja.

Thalor, sorrindo e também cansado respondeu de imediato.

- Sim, Baldric. Assim podemos colocar a conversa em dia. Este lugar é impressionante. Você forjou muitas armas aqui?

- Muitas mesmo. Armas para guerreiros, ferramentas para fazendeiros, até mesmo talheres para a taberna da vila.

- Como você aprendeu o ofício?

- Foi há muito tempo. Na tribo onde eu cresci tinha um ferreiro, e ele me ensinou desde que eu era um menino. Ele olha para as mãos fortes. - Dizem que o ferro corre em nossas veias, e eu acredito nisso.

- Você é realmente um ferreiro habilidoso em seu ofício. Eu não teria escolhido outro ferreiro para essa tarefa.

Novamente se esquecendo que tinha parado para descansar Baldric pegou uma ferramenta e se dirigiu para a bancada.

- O segredo de uma boa espada não está apenas na habilidade do ferreiro, mas também na determinação e no propósito de quem a empunha. Você já enfrentou muitos desafios, Thalor?

Refletindo, Thalor respondeu ao ferreiro.

- Sim, muitos. Desde as terras ermas até as profundezas das florestas proibidas. Cada jornada me ensinou algo novo, cada batalha me tornou mais experiente.

Baldric, martelando com precisão acrescentou

- E essa experiência é o que fará da espada que vou lhe fazer algo excepcional. Ela não será apenas um pedaço de metal; será uma extensão de seus objetivos, use ela para bons propósitos.

- Você fala com paixão sobre seu ofício, Baldric. É como se cada arma que forja tivesse uma história própria.

- Cada arma tem, de fato, uma história para contar. Às vezes, são histórias de triunfo e glória; outras vezes, de luta e perda. Mas todas têm um propósito, assim como nós.

- Eu entendo. Esta espada, quando terminada, será mais do que uma arma. Será um símbolo de esperança para todos que enfrentam os opressores.

- E ela será digna de sua missão, Thalor.

- Eu já ia me esquecendo, infelizmente, encontrei alguns problemas durante minhas últimas jornadas. Minha espada precisa de reparos.

Baldric examinou a espada com atenção.

- Ah, vejo. - Franzindo o cenho continua. - Essa é uma espada bem feita, mas parece que enfrentou batalhas difíceis.

- Sim, enfrentamos inimigos poderosos. Mas essa espada nunca me falhou. Ela é mais do que apenas uma arma para mim.

- Cada marca conta uma história, Thalor. E eu farei o meu melhor para restaurá-la à sua antiga glória.

- Agradeço sua habilidade, Baldric. Se alguém pode consertá-la, é você.

- Claro que sim, meu amigo. Enquanto isso, fique à vontade para descansar ou explorar a vila. Este trabalho levará algum tempo.

- Compreendo. Darei uma volta e voltarei mais tarde para ver como está indo.

Thalor deixou a espada nas mãos habilidosas de Baldric, confiante de que seu amigo ferreiro faria tudo o que pudesse para restaurar sua arma. Enquanto aguardava, ele explorou a vila, refletindo sobre as batalhas passadas e preparando-se para os desafios que ainda viriam.

Horas depois retornou até a oficina do amigo ferreiro para saber se sua espada já havia sido restaurada.

- Aqui está sua espada, Thalor. Novinha em folha. Deu um certo trabalho restaurá-la, estava muito danificada. Também troquei o couro do punho e ajustei o

equilíbrio dela, poderia ter trabalhado mais e deixado ela ainda mais elaborada mas precisaria de um ou dois dias para isso e receio que você esteja com pressa.

- Sim estou com um pouco de pressa. Hoje à noite eu pretendo partir, vou acampar na floresta mesmo, preciso me adiantar para retornar à capital. Quero receber meu pagamento o mais rápido possível para juntar recursos para descobrir o que este pergaminho que encontrei esconde. Na parte inferior como você mesmo viu tem um mapa.

- E sobre o artefato perdido que é descrito no pergaminho? O que você espera encontrar?

- Não tenho certeza ainda. Mas se puder encontrá-lo, poderia ser estudá-lo e ver se vale um bom dinheiro no mercado local.

-Você não parece muito preocupado mas ao mesmo tempo precisa de uma espada melhor do que a que você já tem para seguir este mapa.

- Eu não sei o que posso encontrar meu velho amigo, Balderic. Já visitei as terras que o mapa ilustra mas não a explorei. Já faz muito tempo mas me lembro, parecia ser um lugar apropriado para os mercenários mais sombrios e gananciosos se esconderem. Prefiro estar bem preparado.

- Sei bem como é, eu também penso assim. Gosto de estar bem preparado também, por isso mesmo tenho tantos martelos e uma variedade enorme de minério em minhas posses. Nunca se sabe qual tipo de ferramenta, arma ou armadura terei que trabalhar. E por falar nisto meu estoque de argentita e hematita está quase esgotando, preciso ir até Silver Chalice para comprar mais matéria prima.

- Preciso chegar até o mar e de lá pegar um barco para a capital. É o jeito mais rápido.

Coçando a barba Baldric disse num tom jocoso.

- O jeito mais rápido hmm... bem, isso é conveniente. Eu estava planejando uma viagem até Silver Chalice para comprar matéria-prima para a forja. Fica perto da costa, posso te levar até lá, Thalor.

- Baldric, você faria isso por mim?

- Claro que sim, meu amigo, partimos ao entardecer e de noite paramos em alguma estalagem, assim você não irá precisar acampar na floresta. Se sairmos ainda de madrugada à tarde chegaremos em Silver Chalice.

- Combinado meu amigo. O tempo não espera, e não posso me dar ao luxo de recusar a companhia tão agradável de um amigo, e sua carona me pouparia quilômetros inteiros a pé.

Assim, Thalor e Baldric fizeram seus preparativos e antes do sol se pôr totalmente partiram da oficina, conversando sobre suas aventuras na época em que eram jovens rumo ao mar. Enquanto o vento soprava sobre a vila, os dois viajantes iam se distanciando e cada vez mais adentrando uma estrada cercada por árvores que à medida que avançavam se tornavam maiores e mais populosas.

A noite ainda não havia chegado, mas ali naquele ponto com árvores imensas sob suas cabeças já estava totalmente escuro. A estrada estava vazia e silenciosa, um ar mais fresco pairava nesta extensão, resultado da densa floresta e dos lagos próximos.

Tarde da noite Thalor e Baldric chegaram a uma estalagem bem movimentada, onde o som das risadas enchia o ar.

- Parece que chegamos na hora certa. – Disse Thalor. - Vamos encontrar quartos e um bom ensopado para nos recuperar do cansaço.

Thalor e Baldric chegaram à estalagem depois da viagem desde a oficina de Baldric. O ar salgado do mar era refrescante, mas ambos estavam exaustos. Eles avistaram o balcão, onde uma mulher gritava para alguns homens que estavam cantando e rindo alto.

Thalor fez uma observação com um sorriso no rosto.

- Parece um excelente lugar para descansar até a madrugada.  
Precisamos de um pouco de descanso antes de seguir viagem.

Baldric sorrindo também concordo.

- Vamos até o balcão e garantir alguns quartos. Precisamos estar revigorados para a jornada de amanhã.

Eles entraram na estalagem, onde o ambiente era quente e acolhedor. O som de conversas animadas e o aroma de comida caseira os receberam. Atrás do balcão, uma mulher, com um sorriso amigável, os cumprimentou.

- Boa noite, nobres viajantes. Bem-vindos à Taverna Canção dos Pinhais.  
Como posso ajudá-los?

Baldric ficou surpreso com a mulher, por ter trocado de tom em tão pouco tempo.



- Boa noite. Precisamos de dois quartos para passar a noite. Partiremos antes do amanhecer.

- Claro, temos quartos disponíveis. E quanto ao jantar? A cozinha ainda está aberta.

- Isso soa ótimo. – Disse Thalor com o estomago roncando. - Aceitaremos o jantar também.

- Vou providenciar tudo. Por favor, façam-se à vontade.

Thalor e Baldric se acomodaram em uma mesa perto da lareira, onde puderam relaxar e recuperar um pouco das forças. Pouco depois, a estalajadeira trouxe pratos fumegantes de guisado de carne e pão fresco.

- Isto é exatamente o que eu precisava. Nada como uma boa refeição após um longo dia. O rosto do ferreiro parecia agora estar tão feliz quanto estava trabalhando em sua forja.

- Concordo plenamente. Como você descobriu este lugar?

- Foi um cliente. Ele é comerciante de especiarias e viaja muito. Uma certa vez enquanto falávamos de estalagens ele me recomendou este local.

Enquanto comiam, discutiram os detalhes do mapa e os possíveis desafios que Baldric poderia encontrar em sua jornada. Baldric também compartilhou histórias de suas viagens anteriores.

Após o jantar, a estalajadeira os levou aos quartos no andar superior. Os quartos eram simples, mas confortáveis, com camas macias e janelas que davam vista para a floresta.

Baldric bocejando falou ainda pensando no jantar que acabara de comer. - Vamos descansar. Amanhã será um dia longo.

Thalor assentindo e disse ao amigo. - Certo. Boa noite, Baldric. Até de madrugada.

- Boa noite, Thalor.

Os dois amigos se retiraram para seus respectivos quartos, onde finalmente puderam descansar. A noite passou tranquila, e antes que percebessem, a madrugada chegou, trazendo consigo ainda um bom caminho para que os dois viajantes percorressem até Silver Chalice, onde cada um iria seguir um caminho e um propósito diferente.